



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**RAFAELA GOMES NOBRE**

**O ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: A EXPERIÊNCIA DO  
CLUBINHO TUDO DE BOM**

**FORTALEZA**

**2019**

RAFAELA GOMES NOBRE

O ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: A EXPERIÊNCIA DO  
CLUBINHO TUDO DE BOM

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Departamento de Estudos  
Especializados da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria José  
Barbosa.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

---

NOBRE, RAFAELA GOMES

O espaço educativo não-escolar e suas contribuições no desenvolvimento de crianças com autismo: a experiência do Clubinho Tudo de Bom / Rafaela Gomes Nobre. 2019.

55 f.:il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Barbosa.

1. Autismo. 2. Educação não-escolar. 3. Inclusão. 4. Desenvolvimento.

CDD 370

---

RAFAELA GOMES NOBRE

O ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: A EXPERIÊNCIA DO  
CLUBINHO TUDO DE BOM

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Departamento de Estudos  
Especializados da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria José Barbosa (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carmen de Souza Santana  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Bernadete de Souza Porto  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me guiado nessa escolha e nessa jornada, sempre me protegendo no caminho e me iluminado nos momentos de desespero.

À minha mãe, Celina, por sempre ter acreditado em mim, por ter me apoiado e pelo seu amor incondicional. Gratidão também ao meu pai, Cristiano e aos meus irmãos Letícia, Lucas, Waskeys e Cristiano, por toda sua paciência e dedicação a mim, e que muitas vezes serviram de inspiração, dizendo que se sentem orgulhosos de quem me tornei. Aos meus sobrinhos Arthur, Yasmin e Maria Vitória, por todos os sorrisos e alegria de ser crianças quando brincam comigo e permitem nossos laços de respeito e afeto, além de servirem como objetos de estudos nos testes piagetianos ou de alfabetização.

Ao meu avô José (*in memoriam*), que nunca deixou de acreditar em mim, mas que infelizmente não pôde estar presente em vida, durante o curso, mas que sempre estará em meu coração e assim como eu, era um grande sonhador.

Ao meu amigo Carlos Wellyson, que se faz na minha vida desde a nossa infância, que esteve comigo quando iniciei meus passos na Universidade e com quem aprendo muito todos os dias, que me fez conhecer o mundo, usufruindo de nossas liberdades juntos, descobrindo novos horizontes, mesmo apesar de toda distância que nos separa, mesmo quando moramos no mesmo bairro.

À minha amiga Bárbara Souza, por me ensinar tanto e aprender junto comigo, as flores são todas nossas.

Aos meus queridos amigos Jarbas Wallace, Maria Mariane, Larissa Brito, Gabriel Bernardo, Luan Carlos, Gean Rodrigues, João Araújo, Saraelen Viana, Layson, Daniel e Paula Izabelly é uma alegria ter cada um de vocês em minha vida.

Aos amigos do curso de Pedagogia, em especial Sarah Nídia, Igor Eduardo e Jéssica Rios que, nesse último ano, tornaram os momentos difíceis um pouco mais leves.

À Sarah e ao Igor por terem me aceitado como suas duplas nos estágios, por serem corajosos em irem junto comigo e enfrentado os desafios da escola, no CEI Papa João Paulo II e a Escola Municipal Padre Félice Pistone, assim como também agradeço a todas as crianças que nos proporcionaram tantos momentos de aprendizado.

Aos meus outros amigos do curso Felipe, Sara Beatriz e Deiziane, que apesar do tempo e das diferenças, moram em meu coração.

Às pessoas do Laboratório Multimeios, Professor Hermínio, Monalisa e todos os outros professores e colegas.

Aos grandes amigos que fiz no Projeto CRID, o Centro Rurais de Inclusão Digital, Virgínia Tavares, Janyara Bernardo, Ana Beatriz Carneiro, Paulo Victor da Costa e Isaac Medeiros.

Às coordenadoras do projeto, Ana Carmen, Roberta França, Mirley Nádila e Lara Saldanha, por todo carinho em nossas trajetórias.

À professora Maria José Barbosa pela atenção, comprometimento e carinho.

Ao meu namorado, Gabriel Dourado, por fazer parte da minha vida e por todo amor, por cuidar de mim e me incentivar durante a minha caminhada no curso.

Ao Clubinho Tudo de Bom, por ser um lugar acolhedor e cheio de afeto, principalmente por ter me cativado e ser fruto do estudo deste trabalho, encerrando da forma mais bonita esse curso. Muito obrigada Dani, Silvio, Bárbara, Ana Flávia, Karinny, Kenya, Jonas e todos os outros tios e tias do Clubinho.

Às crianças mais queridas e que eternamente vão morar em meu coração, Rita, Záki, Ana Sofia e Ana Letícia, Helena e Nathan, Pedro e Mário, Carlos e Arthur, Rian, Luka com quem mais estive presente, amo vocês.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever que contribuições um espaço educativo não-escolar tem oferecido para crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa teve como base teórica Leo Kanner (1946 *apud* LAGE, 1984) e Schwartzman (1995) para apresentar as principais características do autismo infantil, bem como Vygostky (1989) e Wallon (*apud* GALVÃO, 1996) no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças; para caracterizar o espaço educativo não-escolar, foi trazido Libâneo (2005) sobre as formas e objetivos da educação e Gohn (2006; 2009) no que diz respeito ao papel social de um espaço educativo não-escolar. O caráter metodológico utilizado é de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002), de maneira que o que se pretendeu buscar não pode ser quantificado. Para tanto, instrumentos como entrevista e questionários estruturados foram utilizados com sujeitos para a obtenção de dados. A partir disso, demonstrou-se que o lócus da pesquisa, desenvolve ações e atividades que atendem às demandas do Transtorno do Espectro Autista, dando ênfase a questões de relacionamento através da afetividade, linguagem e brincadeiras, além de aspectos cognitivos como pensamento, comportamento e motricidade. Por fim, os resultados apontam para a importância que o espaço pesquisado tem no desenvolvimento das crianças que dele fazem parte, promovendo o bem-estar para elas e suas famílias, assim como a relevância **na** e **para** a sociedade, em relação à constante luta que é desmistificar o autismo, promovendo a inclusão de todos.

**Palavras-chave:** Autismo. Espaço Não-Escolar. Inclusão. Desenvolvimento.

## **ABSTRACT**

The present study aims to describe the contributions the out-of-school learning environment has provided to children diagnosed with Autism Spectrum Disorder. In order to achieve this objective, the research was based in authors such as Leo Kanner (1946 apud LAGE, 1984) and Schwartzman (1995) for presenting the main characteristics of autism in children, as well as Vygotsky (1989) and Wallon (apud GALVÃO, 1996) regarding child development; in order to characterize the out-of-school learning environment, Libâneo (2005) regarding the education forms and goals and Gohn (2006; 2009) concerning the social role of an out-of-school learning environment. This study is a qualitative research, since the aimed results cannot be quantified. Therefore, instruments such as interview and structured questionnaires applied to the research subjects were used for data collection. The results indicate that the locus of the research develops actions and activities that meet the demands of the Autism Spectrum Disorder, with emphasis in relationship questions through affectivity, language and games, and cognitive aspects such as thoughts, behavior and motor skills. Finally, it may be concluded that the environment approached on the research has a great importance to the development of the children who are part of it, and this environment promotes the welfare of the children and their family, as well as it is relevant for society in the constant struggle to demystify autism and then promote inclusion for all.

**Keywords:** Autism. Out-of-school environment. Inclusion; Development.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO CONCEITUAL E HISTÓRICA .....</b>	<b>13</b>
2.1	Principais características determinadas por Leo Kanner.....	14
2.2	O Transtorno do Espectro Autista no Brasil.....	19
<b>3</b>	<b>ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-ESCOLARES COM ATENDIMENTO INCLUSIVO .....</b>	<b>22</b>
3.1	O Clubinho Tudo de Bom: primeiras impressões e a história da fundação	24
3.2	O Clubinho Tudo de Bom como um espaço educativo não-escolar .....	28
<b>4</b>	<b>OS CAMINHOS TRAÇADOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>31</b>
4.1	Natureza .....	31
4.2	O contexto e o lócus da pesquisa.....	31
4.3	Sujeitos da pesquisa.....	32
4.4	Coleta dos dados.....	32
<b>5</b>	<b>O CLUBINHO TUDO DE BOM E O AUTISMO: AS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.....</b>	<b>34</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação na escola visa promover o desenvolvimento integral de cada pessoa que nela ingressa. Ainda nessa premissa, sabemos que o desenvolvimento pleno é um direito assegurado no Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Além disso, a escola deve ser um espaço de inclusão para todos, respeitando as diferenças e dificuldades de cada um.

Com isso, é comum encontrar e conhecer ambientes fora da escola que objetivam colaborar, através de ações específicas, no desenvolvimento desses sujeitos com características tão singulares. Alguns desses ambientes estão ligados (vinculados) às instituições escolares ou órgãos públicos, tais como hospitais, institutos ou centros especializados, bem como partem de origens independentes, (como ONGs, Organizações não governamentais, grupos, projetos sociais, entre outros). É interessante considerar que esses espaços podem ser construídos levando em conta as particularidades dos indivíduos: atendimento específico para cegos, surdos, deficientes físicos ou pessoas com transtornos globais do desenvolvimento.

Na cidade de Fortaleza/CE, existem diversos órgãos e instituições com ações voltadas para o público com o Transtorno do Espectro Autista – TEA, como a Fundação Casa da Esperança, a Associação Fortaleza Azul, Instituto Semear, CREAECE - Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará e o Clubinho Tudo de Bom, espaço que foi o contexto da presente pesquisa.

Diante disso, apresenta-se as contribuições desse espaço educativo não-escolar no desenvolvimento de crianças com o TEA. Sabemos das dificuldades que as crianças com autismo enfrentam na escola e na sociedade, principalmente pela falta de conhecimento de algumas pessoas sobre as características do transtorno e por não tomarem consciência a respeito dos obstáculos que essas crianças enfrentam.

A partir dessas reflexões, nos apoiamos em Lage (1984), Dourado (1996) e outros no que diz respeito às características das crianças com autismo, além de documentos como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – V e a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10.

Pauta-se a discussão em Freire (2002), Libâneo (2005) e Gohn (2006), contextualizando brevemente as concepções e caracterizações de espaços educativos não-escolares e seus impactos na sociedade atual, assim como esse tipo de ambiente ajuda no desenvolvimento de crianças diagnosticadas com o TEA.

Esse estudo se torna relevante na medida em que o número de diagnósticos vem aumentando no Brasil e são crescentes os movimentos em busca de espaços que proporcionem uma melhor qualidade de vida para essas pessoas, como o Clubinho Tudo de Bom.

Nosso objetivo principal foi descrever as contribuições do Clubinho Tudo de Bom no desenvolvimento de crianças com autismo. Para isso delimitamos os seguintes objetivos específicos: investigar a história, as atividades realizadas e funcionamento do Clubinho Tudo de Bom; descrever o perfil das crianças que participam do Clubinho e, por fim, analisar a visão dos pais sobre o desenvolvimento das crianças, a partir da inserção no Clubinho Tudo de Bom.

Para alcançar os objetivos do presente trabalho, primeiramente, nos apoiaremos em Minayo (2002), no que diz respeito ao tipo de pesquisa realizada e sobre o engajamento da presente autora no campo de pesquisa. Em segundo lugar, consideramos um estudo qualitativo-descritivo (Lakatos, 2003), enfatizando análise dos dados e as interpretações acerca da temática abordada.

O levantamento de dados ocorreu através de observação, entrevista com os responsáveis pelo Clubinho Tudo de Bom e a partir de questionários estruturados com os pais e mães das crianças.

Para o melhor entendimento, organizamos a presente monografia primeiramente apresentando o TEA, o histórico, as principais características e as conquistas legais no Brasil. Em seguida, apresentamos as principais definições acerca da discussão sobre espaços educativos não-escolares, tendo como base o envolvimento da presente autora com o Clubinho Tudo de Bom, a história do referido espaço não-escolar e como se encaixa na presente pesquisa.

Logo depois, traçamos os procedimentos metodológicos utilizados para alcançar nossos objetivos, definindo o tipo de pesquisa realizada; apresentando o contexto e o lócus da pesquisa; os perfis dos participantes e as formas de coleta e análise de dados. Posteriormente, apresentaremos os resultados e discussões acerca dos dados obtidos e por fim, as nossas considerações finais em torno da pesquisa.

O problema da pesquisa surgiu a partir do envolvimento da autora como monitora (tia) no Clubinho Tudo de Bom, que visualizou a oportunidade de conhecer a história do espaço e aliar conhecimentos e teoria às práticas decorrentes do lugar. Este envolvimento facilitou a realização da pesquisa, pois proporcionou um melhor acesso às informações e aos sujeitos da mesma.

## 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO CONCEITUAL E HISTÓRICA

Para tratar especificamente as características de crianças com autismo, trazemos, no presente capítulo, Leo Kanner (1949 *apud* LAGE, 1984) e mais a frente, sobre desenvolvimento infantil, abordaremos Vygotsky (1989) e Henri Wallon (*apud* GALVÃO, 1996). Sobre as concepções de espaços educativos não- escolares, nos apoiamos em Libâneo (2005), Gohn (2006), entre outros.

Organizou-se o presente capítulo em dois subitens a partir do tema pesquisado. Primeiramente, faremos uma breve revisão de literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista, buscando apresentar suas principais características, além das conquistas e direitos na sociedade brasileira. Após essa discussão, apresentaremos as concepções sobre espaços educativos não-escolares, enfatizando a relevância para as crianças com TEA a partir do Clubinho Tudo de Bom.

Os primeiros estudos a caracterizarem e a diferenciarem o Autismo das psicoses infantis foram realizados por Leo Kanner<sup>1</sup>, quando observou determinados aspectos em algumas crianças que ficavam muito evidentes desde o nascimento ou na primeira infância e que se diferenciavam da esquizofrenia infantil. Para Kanner, “se o esquizofrênico se retira do mundo, a criança autista, por sua vez, nunca conseguiu penetrar nele (LAGE, 1984)”, as crianças observadas por ele apresentavam características como: isolamento ou solidão, imutabilidade e ausência de linguagem, e ainda a incapacidade de estabelecer relações normais. A esse conjunto de características ou sintomas, Kanner denomina como “Autismo infantil precoce”. Na mesma época, o austríaco Asperger também descreve uma “psicopatia autística” para crianças parecidas com as observadas por Kanner. Outra observação importante feita por ele foi a predominância entre os meninos, 3 a 4 para 1 menina. Desse estudo de Kanner, foi elaborado um quadro com as características clássicas

---

<sup>1</sup>Psiquiatra americano de origem alemã, publicou, em 1943 onze casos de crianças psicóticas que apresentavam comportamento muito peculiar. (LAGE, 1984)

do Autismo, amplamente difundido entre os profissionais e estudiosos desde os anos 60 até hoje.

Outros estudiosos se basearam nas concepções de Kanner, mas a maioria ainda se questionava sobre as causas da síndrome, alguns afirmavam que ocorre alguma perturbação ainda na vida intrauterina, Kanner por sua vez, chegou a culpabilizar as mães, afirmando que logo após o nascimento provocaram algum trauma e que a criança autista vive uma angústia na busca de superá-lo.

Outro estudo, realizado por Baron-Cohen e Frith (1988), aponta uma teoria cognitiva para o autismo. Essa visão considera que a principal característica da criança com autismo é a impossibilidade de compreender os estados mentais de outras pessoas, ou seja, a capacidade de representações secundárias se encontra alterada, considerando que o autismo é causado por um déficit cognitivo relacionado às capacidades de representações tanto do eu, quanto do outro.

Em 1990, o autismo foi considerado, por Christopher Gillberg, como uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento (Gillberg, 1990 *apud* Schwartzman, 1995), acrescenta ainda que é caracterizado por um déficit na interação social caracterizado pela inabilidade de relacionar-se com o outro, usualmente combinado com déficits de linguagem e comportamento.

Até 1989, estatísticas apontavam que a cada dez mil crianças com menos de três anos, quatro eram diagnosticadas com autismo. Em 1998, a cada dez mil nascidos, vinte crianças eram consideradas autistas, independentemente de raça, etnia ou grupo social. Esse número de diagnósticos é crescente, apesar das causas não serem especificamente determinadas, devido a estudos que disponibilizam mais e melhores informações, além da divulgação pelo mundo.

## **2.1 Principais características determinadas por Leo Kanner**

Como apresentados anteriormente, buscamos descrever as características observadas por Kanner *apud* Lage (1984) e que podem ser mais marcantes em algumas pessoas com autismo e menos em outras, as quais são até mesmo superadas, sendo elas: isolamento, distúrbios da linguagem, do pensamento, motores e psicomotores, afetivos, na percepção do ambiente e distúrbios psicossomáticos ou instintuais.

O **isolamento** pode aparecer desde cedo, quando a criança não mantém contato social, ou seja, uma perturbação do contato com a realidade. Os primeiros sinais de isolação podem acontecer entre mãe e filho no momento da amamentação, por exemplo.

**Distúrbios da linguagem**, em alguns casos a linguagem pode ser totalmente ausente, a comunicação verbal ou não-verbal pode apresentar anomalias, a criança é silenciosa ou emite barulhos diferentes ou estereotipados como rangido dos dentes ou gritos agudos, por exemplo. A linguagem verbal pode surgir entre 4-5 anos de idade, Kanner acrescenta ainda algumas características na linguagem das crianças com autismo, como as estereotipias verbais, uma fala sem entonações ou sentimentos, para Kanner, “as crianças se recusam a ser instrumento de comunicação” (LAGE, 1984, p. 34) e muitas vezes a linguagem do outro não é compreendida e a criança repete passivamente o que ela escuta (ecolalia), outra dificuldade é a não compreensão do “eu”, sempre confundindo com “tu” para falar de si. Já a comunicação não-verbal é utilizada pela criança, que pode conseguir compreender o que o interlocutor quer demonstrar:

O processo de convencionalização de sentidos que perpassa os gestos e as palavras da criança está inter-relacionado com a interpretação que o adulto faz deles e com o modo como a criança se apropria do sentido produzido na dinâmica interativa. Investir nos processos de significação é apostar que é possível compartilhar sentidos com a criança com Autismo, significando suas ações ao mesmo tempo em que a orienta para aquilo que se espera da criança em determinadas situações. (CHIOTE, 2005. p. 46).

**Distúrbios do pensamento**, estão ligados às dificuldades na linguagem, ou seja, o pensamento da criança pode ser fundamentado nas aparências e não nas funções: “A criança autista tem um pensamento essencialmente fundamentado no desejo da imutabilidade, sem nenhuma necessidade de linguagem, a não ser para dar um nome, para obtê-lo ou recusar, o objeto ou o acontecimento”. (LAGE, 1984. p. 36).

Henri Wallon apresenta a linguagem como o instrumento indispensável para os progressos do pensamento, para ele, linguagem e pensamento demonstram uma relação de reciprocidade: “Os objetos e situações concretas passam a ter equivalentes em imagens e símbolos, podendo assim ser operados no plano mental de forma cada vez mais desvinculada da experiência pessoal e imediata” (GALVÃO, 1996. p. 78), ou seja, quando os processos da linguagem apresentam obstáculos, ou até mesmo ausência, frequentemente crianças com autismo podem apresentar

lentidão no pensamento e discordância entre os sentimentos e condutas, tendência em confundir símbolos e realidade, irregularidade da memória ou memória eletiva e reflexões inteligentes.

Os **distúrbios motores e psicomotores** são inúmeros e variados: quando bebê, pode apresentar uma hipotonia generalizada, ou seja uma diminuição ou modificação do tônus muscular, principalmente entre a criança e a mãe, o que pode implicar em uma lateralização mal estabelecida, instabilidade motora variável, que podem ser manifestadas por tiques (caretas); cataplexia: algumas vezes a criança apresentam expressões faciais congeladas; nas atividades espontâneas, a criança se excita sem motivo evidente, fazendo variados movimentos, saltos, caretas, grita, dança, corre de um lado para o outro e faz movimentos com a cabeça para frente e para trás (*head-banging*); no modo de andar ocasionalmente a criança caminha saltitante ou nas pontas dos dedos, sem o balançar dos braços; com gestos e sinais utilizam o adulto como uma extensão executiva do tipo mecânico, na forma de um interruptor ou de uma máquina; fobia de mudanças ou imutabilidade, ou seja, a necessidade que a criança autista tem em manter seu ambiente idêntico, mais forte com os objetos que com pessoas, os objetos devem estar sempre no mesmo lugar, as rotinas são importantes para que a criança consiga se manter em ordem, quando há algum tipo de mudança perceptível, novas situações podem causar angústias, justificadas pela dificuldade de reação e adaptação; ainda sobre a relação com objetos, podem apresentar dois polos: o de medo (como o medo de coisas inofensivas ou o medo de banheiros) e o de ritual, arrumar os objetos precisamente como se evitasse que algo ruim aconteça; comportamento espacial; brinquedos comuns não despertam tanto interesse; habilidades psicomotoras, sem aspectos lúdicos, como uma necessidade interior, colecionamento de objetos diferentes arrumados sempre da mesma maneira; escolhendo objetos exclusivos, a criança se apegar ao objeto com fascínio.

**Distúrbios afetivos:** a angústia aparece espontaneamente ou sucede alguma frustração, geralmente acompanhada de crises de agitação e de manifestação auto ou heteroagressivas; na ansiedade, as crianças são marcadas por uma tendência compulsiva, com repetição do ato ou do pensamento, essa repetição representa a necessidade de controlar de maneira repetitiva os objetos; agressividade contra si mesmo, considerado um dos aspectos mais difíceis da

psicose infantil, podem ser mais leves como se arranhar ou morder ou podem ser mais graves como arrancar cabelos ou bater a cabeça violentamente.

**Percepção do ambiente.** Kanner (1949 *apud* LAGE, 1984) aponta que as sensações elementares sofrem anomalias, de forma que é comum questionar se a criança é cega ou surda, frequentemente a audição parece defeituosa, algumas crianças nem chegam a prestar atenção ao que é falado para ela e outras parecem fascinadas por determinados sons, outras ainda chegam a tapar as orelhas para evitá-los. Essas características podem ser vistas nos estímulos visuais, podendo fechar os olhos para evitar algo, estar com um olhar atraído ou um olhar vazio, ausente, caracterizando isso como “evitar o olhar”. Para as imagens, a criança se interessa mais pelos detalhes que pelo todo. Uma característica significativa é cheirar ou até lambe os objetos. Além disso, também é característico a sensibilidade à dor e à temperatura e sensibilidade tátil, de maneira que podem não conseguir suportar determinadas superfícies, tecidos ou texturas (areia, por exemplo).

**Distúrbios psicossomáticos e instintuais** são os conjuntos de condutas em que o corpo intervém, a criança não percebe bem a estrutura e a unidade do seu corpo, seus limites, não diferencia o eu do mundo exterior, o real e o imaginário. Distúrbios do sono são os mais frequentes, assim como distúrbios alimentares.

Estas são as principais características observadas pelo psiquiatra Leo Kanner em 1949, apresentadas por Lage (1984) em seus estudos. Estão em destaque pois comumente norteiam diversos estudos acerca do Autismo. Atualmente, são as características que podem ser facilmente observadas no seio da família ou na escola. Além disso, são características que podem ter traços mais intensos ou mais suaves nas crianças, o que levam a dividir o TEA em níveis ou graus.

Essa divisão, de níveis ou graus, é descrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - DSM-5<sup>2</sup>. Existem diagnósticos que classificam em autismo leve, moderado ou grave, de acordo como as características presentes e a

---

<sup>2</sup> “O Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM), organizado pela American Psychiatric Association, é uma classificação de transtornos mentais e critérios associados elaborada para facilitar o estabelecimento de diagnósticos mais confiáveis desses transtornos. O DSM se propõe a servir como um guia prático, funcional e flexível para organizar informações que podem auxiliar o diagnóstico preciso e o tratamento de transtornos mentais. Trata-se de uma ferramenta para clínicos, um recurso essencial para a formação de estudantes e profissionais e uma referência para pesquisadores da área.” (DSM-5, 2014)

intensidade delas em cada pessoa. Para o diagnóstico, segundo o DSM-5, os níveis do autismo são três: nível 1 “Exigindo apoio”, nível 2 “Exigindo apoio substancial e nível 3 “Exigindo apoio muito substancial” e são utilizados dois critérios diagnósticos, “Comunicação Social” e “Comportamentos Restritos e Repetitivos”, alguns distúrbios podem estar presentes e até superados, com os devidos acompanhamentos necessários, por exemplos, psicológicos ou pedagógicos.

Sobre a **Comunicação Social**, segundo DSM-5, no nível 1, os déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis, ou seja, dificuldade em fazer interações sociais ou a falta de interesse em fazê-las. No nível 2, são apresentados déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, que provocam prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, diferente do nível 1, há uma limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal à aberturas sociais que partem de outros, ou seja, seu apoio, nesse caso, vem das ações de outras pessoas. No nível 3, déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento do pensamento, como observado nos distúrbios da linguagem e do pensamento acima, que podem gerar grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. No Autismo, as crianças com a comunicação oral não comprometida são caracterizadas como “verbal”, como no nível 1, nos níveis 2 e 3, quando há muita dificuldade ou ausência de fala, caracteriza-se como “não-verbal”.

Sobre os **comportamentos restritos e repetitivos**, no nível 1 do DSM-5, a inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos, ou seja, as questões ligadas à rotina, dificuldade em trocar de atividade, é comum ver crianças muito concentradas em atividades de seu interesse e problemas para organização e planejamento, precisam sempre que alguém oriente alguma atividade ou ação, problemas que podem ser superados. No nível 2, inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos, há sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações. E no nível 3, inflexibilidade de comportamento, ou seja, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos

que interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas e grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

Além disso, o DSM-5, aponta questões diagnósticas relativas à cultura:

Haverá diferenças culturais nas normas de interação social, comunicação não verbal e relacionamentos; indivíduos com transtorno do espectro autista, entretanto, apresentam prejuízos marcados em relação aos padrões de seu contexto cultural. Fatores culturais e socioeconômicos podem influenciar a idade de identificação ou de diagnóstico; por exemplo, nos Estados Unidos, pode ocorrer diagnóstico tardio ou subdiagnóstico de transtorno do espectro autista entre crianças afro-americanas. (p. 101)

Existem variações mesmo dentro dos níveis, relacionadas à cultura e até mesmo os contextos sociais, o desenvolvimento dessas crianças pode ser comprometido quando não há acompanhamentos específicos para suas necessidades.

Como mencionado anteriormente, algumas dessas características são facilmente observadas pela família, especialmente pela mãe, ainda na primeira infância, entre 0 e 6 anos. Após as devidas investigações com especialistas como pediatras, psicólogos ou psiquiatras e neuropediatras, o diagnóstico pode ser feito, assim como determinadas terapias e acompanhamentos.

## **2.2 O Transtorno do Espectro Autista no Brasil**

Como tratamos de um público específico, consideramos relevante mencionar que no Brasil as pessoas com autismo têm seus direitos garantidos desde a Constituição Federal, na garantia dos direitos sociais:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:  
[...]  
II - cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência. (BRASIL, 1988)

Assim, logo depois, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, sofre alterações no que diz respeito à Educação Especial no Art. 4º, inciso III, que assegura assistência dentro na escola:

“atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996).

Além da garantia de acesso e o acompanhamento citado, para a inclusão total da pessoa com autismo, ainda na LDB, o Art. 59, inciso I: “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL. 1996) e também o inciso III, no que compete à formação de professores para estarem preparados, em oferecer uma educação de qualidade para essas crianças: “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL. 1996).

Em referência ao Atendimento Educacional Especializado – AEE, regulamentado em 2008 na educação básica, vale-se dizer que “tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.” (BRASIL, 2008, p. 1), assim, no contexto escolar da rede pública, as pessoas com autismo têm garantia de acompanhamento pedagógico para seu melhor desempenho na escola e desenvolvimento intelectual.

As pessoas com autismo ou qualquer deficiência são asseguradas por lei na garantia de assistência à saúde, o que é extremamente necessário, uma vez que podem apresentar distúrbios na fala, psicomotores, sociais, além de outros. O acompanhamento com profissionais especializados pode auxiliar no desenvolvimento das crianças. No complemento à Constituição Federal, em 2012, foi sancionada a Lei nº 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

[...]

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

- a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- b) o atendimento multiprofissional;
- c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;
- d) os medicamentos;
- e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

- a) à educação e ao ensino profissionalizante;
- b) à moradia, inclusive à residência protegida;
- c) ao mercado de trabalho;
- d) à previdência social e à assistência social.

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino

regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.  
(BRASIL, 2012)

Em 2015 foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, embora o Autismo não seja uma deficiência, está inserido neste grupo pela garantia de direitos:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

Na esfera social, a pessoa com autismo tem acesso e atendimento preferencial em órgãos públicos ou privados, por exemplo, também a promoção de campanhas que conscientizem a não-discriminação de qualquer tipo de deficiência.

O Autismo têm sido, há muito tempo, campo de estudo para diversas áreas, principalmente na saúde e na educação, dessa forma, tem-se aprendido e descoberto mais sobre o transtorno, o que implica em novas e mais informações acerca dele, a criação de políticas públicas que beneficiam diretamente o público, além de promover uma melhora na qualidade de vida dos sujeitos e de suas famílias.

Neste capítulo, apresentamos as principais características presentes no Transtorno do Espectro Autista, desde os primeiros estudos feitos pelo psiquiatra Leo Kanner, aspectos relacionados ao diagnóstico e quais são os direitos sociais estabelecidos na legislação brasileira. Como vimos, a pessoa com autismo pode apresentar diferentes distúrbios, cognitivos, afetivos, motores, sociais, etc. Além dos acompanhamentos médicos, a escola pode ser palco e grande aliada no desenvolvimento de crianças com autismo, e como bem destacamos, na rede pública há a necessidade de acompanhamento especializado para as demandas do autismo e outros transtornos. Mas, além disso, que outros espaços podem servir como aliados no desenvolvimento de crianças com TEA? Veremos no próximo capítulo o que um espaço educativo não-escolar tem a acrescentar.

### **3 ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-ESCOLARES COM ATENDIMENTO INCLUSIVO**

Este estudo fundamenta-se teoricamente na concepção de que espaços educativos não-escolares se tornam importantes para o desenvolvimento de crianças com autismo, principalmente a partir dos estudos de Dourado, pois “entendemos que a maior contribuição deverá ser no sentido de tentar perceber o portador de Autismo, inserindo numa coletividade” (DOURADO, 1996, p. 99).

O presente capítulo busca tratar dos espaços educativos não-escolares, assim como da sua contextualização no desenvolvimento de crianças com autismo. Primeiramente, vamos abordar a educação, conceituando suas principais características, assim como a divisão entre educação escolar e não-escolar e como se determinam cada uma. A seguir, apresentamos dois subitens, o primeiro que aborda o envolvimento da autora com o Clubinho Tudo de Bom, discorrendo sobre seu histórico e objetivos, e no segundo buscamos caracterizar o *lócus* pesquisado como um espaço educativo não escolar.

Para Libâneo (2005, p. 73), “a educação é uma prática ligada à produção e reprodução da vida social, condição para que os indivíduos se formem para a continuidade da vida social”, ou seja, o ato de educar é um processo de formação que se propõe a produzir e repassar conhecimentos que serão reproduzidos na vida social.

A educação tem diferentes faces, como a educação na família que busca estabelecer e repassar afetividade, regras e relações sociais, por exemplo, e a educação na escola que tem como objetivo instruir as pessoas ao conhecimento como aprender a ler e escrever, desenvolver o intelecto e acontecem de forma direta. Existem outros espaços onde a educação acontece indiretamente como a igreja, grupos, teatros, na rua... Dentre essas diferentes faces vamos abordar os espaços educativos não-escolares, ou seja, que são fora do ambiente escolar, mas que estabelecem uma educação formal, direta, como veremos a seguir.

Neste momento, é preciso diferenciar os objetivos dos espaços escolares dos não-escolares. Libâneo (2005) fala que “a educação escolar convencional é tipicamente formal” por se tratar de um ensino intencional, estruturado. Mas por outro lado, não significa dizer que a educação formal, que acontece na escola, não

esteja presente na educação intencional, que pode ser em espaços não-escolares, o que ele chama de “não-convencionais”, ou seja “onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal” (LIBÂNEO, 2005, p. 88). Assim, o espaço educativo não-escolar pode ser o lugar onde existem atividades com caráter de intencionalidade em um ambiente fora da escola, são exemplos mais comuns as Organizações Não-Governamentais (ONGs) ou associações de projetos sociais. É importante enfatizar que os espaços não-escolares não necessariamente desenvolvem ações estritamente alfabetizadoras:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor. (GOHN, 2006)

A partir dessa reflexão de Gohn (2006), podemos visualizar como um espaço educativo não-escolar pode contribuir no desenvolvimento de crianças com autismo, uma vez falado no capítulo anterior sobre as necessidades específicas de cada um. Ou seja, desenvolver um ambiente que se propõe a ensinar algo significativo é um espaço educativo, de maneira que estamos sempre aprendendo e ensinando algo, mesmo que seja uma coisa simples como amarrar os sapatos, dessa maneira, Rodrigues (2012), diz que “a educação, enquanto forma de ensino-aprendizagem, se dá em diversos espaços e contextos, a educação não formal também integra esse processo, com característica de uma prática educativa, lúdica, cultural, política e social”.

Paulo Freire aponta que aprender é um saber especificamente humano:

[...] a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser históricos de que nos tornamos conscientes. [...] O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, jovem ou adulta. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. (FREIRE, 2019, p. 140-141)

A ação educativa não-escolar pode acontecer em diversos ambientes e em outros contextos, em instituições como a igreja, hospitais ou associações, em especial as que tem como público pessoas com TEA, que buscam atender as especificidades do autismo, além do apoio às famílias.

A educação não-formal não deve substituir a educação da escola, ela deve ser disposta como complemento na educação do ser, em seus diversos aspectos, não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. Esta formação envolve aprendizagens tanto de ordem subjetiva relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais etc., que os capacitam para o desenvolvimento de uma atividade de criação, resultando um produto como fruto do trabalho realizado.

### **3.1 O Clubinho Tudo de Bom: primeiras impressões e a história da fundação**

Conheci o Clubinho Tudo de Bom em julho de 2018, quando uma amiga me encaminhou uma mensagem de um aplicativo de conversas que dizia que o Clubinho estava procurando pessoas com formação nas áreas de Saúde (Psicologia) e Educação (Pedagogia) para atuar como monitor(a) de recreação de crianças com TEA e desenvolvimento típico na Colônia de Férias do mesmo ano. Me interessei bastante, pois sempre tive vontade de conhecer e aprender mais sobre o Autismo, além disso, seriam atividades remuneradas. Assim, entrei em contato com a Daniela Alves, responsável pelo espaço, que me passou informações mais detalhadas sobre as atividades realizadas na colônia, da qual participei por alguns dias na primeira quinzena de julho. Ao final da colônia, fui convidada para atuar no dia Clubinho aos sábados. Aceitei e fui orientada sobre os objetivos e atividades do Clubinho com as crianças com TEA. Desde então, venho bordando e criando laços incríveis com as outras e outros monitores, carinhosamente chamados de tias e tios e, principalmente, com as crianças, seres maravilhosos, que me surpreendem a cada dia e que são a inspiração deste trabalho.

Para a coleta das informações mais detalhadas sobre o Clubinho Tudo de Bom - CTB<sup>3</sup>, foi realizada uma entrevista estruturada, ou seja, “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197). Desta forma, elaboramos questões que buscassem atender aos nossos objetivos (Apêndice A). A entrevista foi realizada no dia 13 de novembro de 2019 no Clubinho Tudo de Bom,

---

<sup>3</sup> Usaremos a sigla para facilitar a escrita do texto.

no turno da tarde. Participaram da entrevista Daniela Alves e Silvio Nascimento, idealizadores do CTB.

A ideia de criar o CTB surgiu a partir da necessidade dos mesmos de que “deveria existir um lugar que fosse realmente focado no brincar e que atendesse as demandas do autismo” (Daniela), isso foi pensado porque seu filho, aos dois anos, já tinha o diagnóstico de autismo e tinha idade para participar de clubinhos de *shoppings*. Mas, como mãe, Daniela percebeu que esses espaços não se atentavam para as interações, que havia muito estímulo de eletrônicos e que embora fizesse recomendações, as necessidades não eram atendidas, apesar de ser um lugar de descanso para ela, isso se tornou desgastante.

Então, junto com os cursos que fez, as associações de pais de autistas e a mudança de casa, a ideia foi se concretizando. A primeira parte foi escrever o projeto, como seria e procurar especialistas que ajudassem. Depois disso, marcou uma reunião para apresentar o projeto, com os pais, para saber se tinham interesse. Ele foi bem aceito. Assim, o Clubinho Tudo de Bom nasceu em agosto de 2014.

Sobre os objetivos do CTB, inicialmente eram focados na recreação da criança, no encorajamento, e haviam mais expectativas com questões terapêuticas, “como ensinar a brincar, com as brincadeiras mais típicas, ensinar a criança a ter mais autonomia na alimentação e banheiro, mas era muito profundo” (Daniela), então percebeu que era melhor focar só na recreação que buscasse o engajamento, o que é considerado extremamente importante para o desenvolvimento das crianças, uma vez que a “ludicidade não se restringe apenas ao jogo ou à brincadeira, implica uma maior amplitude, o envolvimento mais profundo do sujeito com ele mesmo” (PEREIRA, 2002, p. 12. In: PORTO, 2002). Como citado, o CTB é construído na casa da Daniela, e como tal, os cômodos foram delimitados de acordo com os objetivos do espaço: a garagem e a área externa são destinados para o movimento, para brincadeiras mais livres; as salas são para atividades mais dirigidas, como as artes e brinquedos mais elaborados; o quarto, foi pensado como um ambiente de relaxamento, com redes, almofadas, etc., e a cozinha para lanche. Para eles “É preciso ter espaço para a criança brincar, interagir; tem que ter área livre, mas tem que ter atividades direcionadas” (Daniela; Silvio).

Como pais, já sabiam as demandas do filho, perguntados sobre o que precisaram saber mais para atender às do CTB e atingir os objetivos efetivamente as respostas foram relacionadas às questões sócio emocionais, desmodulações

sensoriais, entender em qual etapa do desenvolvimento a criança está, para conseguir respeitar e adequar as ações e propor brincadeiras que estejam ao alcance de cada um, entendendo os déficits particulares. Outro ponto muito relevante foi “aprender a respeitar limites, [...] deixando-os claros, para ter segurança em lidar com as crianças” (Silvio).

Assim,

“saber se comunicar com as crianças, pois elas sofrem muito com a auto estima, pois já sofrem muito com o que as pessoas não sabem, falar suscintamente, não falando ‘não’ o tempo todo, a criança já escuta muitos ‘nãos’ por seus comportamentos, o problema de falar muito ‘não’ é que ela pode se irritar, se indispor” (Daniela).

Dessa forma,

“usar outras formas de falar, na comunicação com a criança, não ser muito agressivo, sabendo disso, temos esse cuidado, para atentar a auto estima, um dos pilares do Clubinho é passar confiança, para a relação com a com a gente ser construída, para que a criança busque a gente” (Daniela).

Nesse sentido, Chiote (2015) aponta que “no meio social, nas relações com as outras pessoas, a criança não apenas se desenvolve, mas constrói a si mesma” (2015, p. 35).

Sobre a escolha dos profissionais que atuam no CTB, desde o começo e até hoje, o mais importante é ter alguém que goste de criança, que tenha entusiasmo e que goste de brincar, que passe a energia de brincar para o ambiente e também ter conhecimento sobre o autismo. Sobretudo, o vínculo é muito importante, é preciso que “os monitores tenham gosto e passem o carinho e o afeto, porque a criança se percebe e percebe o outro, de forma positiva” (Daniela). Os profissionais, chamados de monitores, são das áreas de saúde e educação, especificamente psicologia, pedagogia e educação física. Esses monitores são chamados de “tias” e “tios”, exatamente “para dar a ideia de afeto” (Silvio), aproximar e despertar um acolhimento para as crianças, para as famílias, ademais porque a figura do tio ou tia tem a capacidade de impor os limites, mas sem a autoridade máxima dos pais. No entanto, não deixamos de colocar que algumas correntes consideram pejorativo tratar o educador por tia ou tio, o que lhes tira o caráter profissional, diminui o caráter técnico da profissão, mas neste caso a necessidade é criar laços, nesse sentido, a criança tem uma necessidade de segurança afetiva pois:

[...] a importância do estabelecimento e manutenção de relações estáveis, contínuas, calorosas entre as crianças e um número restrito de adultos bem conhecidos e uma relação afetiva privilegiada, autêntica, de caráter específico, profissional, com uma pessoa (cuja forma e conteúdo são particulares dentro do âmbito institucional). (FALK, 2011 *apud* SOARES, 2018, p. 132-133)

Desta forma, o profissional que estiver com a criança deve representar uma pessoa que cuida e ensina, com o aspecto familiar de um tio ou tia, atentos a cada criança na sua particularidade. Ainda nesse viés, acreditamos que um dos pontos mais importantes no CTB é a relação com as famílias, sobre isso, Daniela e Silvio apontam que é uma relação “próxima, de confiança e de diálogo, de acolhimento” (Daniela), esta “forma tipo uma comunidade, [os pais] tinham a preocupação de ter um ambiente para a criança ficar, essa ideia de cuidado mútuo, permeia muito entre os pais do Clubinho” (Silvio). Existe um cuidado nesse acolhimento, pois as famílias também precisam pois, para Daniela, muitas vezes acontece um abandono e construir a identidade de um local para isso, foi importante para melhorar as relações nas famílias e desmistificar a criança com autismo: **ela brinca**. “Não precisa ter medo da criança, é só saber entender” (Daniela) salienta.

Uma das ações para melhorar essas relações com a família e relações mais gerais, de interação, foi a criação do “Dia do Irmão”, importante para nutrir as relações, trazendo os irmãos das crianças com autismo para brincar com elas e interagir com outras, os ganhos são grandes, como veremos mais à frente. A integração da família é importante no desenvolvimento de qualquer pessoa:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22)

Acreditamos também que a criança se sente mais segura quando há alguém com quem ela vive, como um irmão ou irmã, compartilhando o espaço e as vivências, pois como apontam Oliveira & Bastos, os “laços afetivos asseguram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano” (2000 *apud* DESSEN; POLONIA, 2007, p. 25), principalmente no caso das crianças com autismo, que têm mais dificuldades ainda do que as crianças com desenvolvimento típico.

De modo geral, o Clubinho Tudo de Bom surge da necessidade de pais de uma criança com autismo de haver um lugar onde seu filho possa ficar e que seja encorajado e estimulado a desenvolver-se de forma lúdica e prazerosa. Além desse olhar maternal do cuidado para as crianças e o descanso para as famílias, o CTB, tem apoio de profissionais competentes e objetivos especificamente delimitados para atender as demandas do autismo, buscando sempre o melhor em contribuir no desenvolvimento das crianças. No próximo tópico, a partir dessas informações, apresentamos reflexões que caracterizam o CTB como espaço educativo não-escolar.

### **3.2 O Clubinho Tudo de Bom como um espaço educativo não-escolar**

Em primeiro lugar, caracterizamos o CTB como um espaço educativo não-escolar por ser formado no seio de um lar, em segundo porque:

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). (GOHN, 2006)

Assim, consideramos as intencionalidades deste espaço, uma vez que possui um público e objetivos específicos, assim como profissionais qualificados em seu funcionamento. Norteados pelos princípios do desenvolvimento a partir do brincar, o CTB tem atingido seus principais objetivos, ainda nos achados da entrevista, seus idealizadores salientam que “tem procurado que a criança amadureça sócio emocionalmente, [...] vem conseguindo dar esse sentimento de competência social para brincar e se relacionar cada vez melhor” (Daniela). Nesse sentido, do brincar e sua importância na vida, o brincar pode ser fundamental para que as crianças aprendam coisas sobre si mesmas e sobre os demais, (ALMEIDA, 2014) aponta que, no caso das crianças do Clubinho Tudo de Bom, as brincadeiras ajudam a superar obstáculos do autismo, como percebido, as crianças têm conseguido avançar em seu desenvolvimento, quando interagem e interagir e se relacionam durante as brincadeiras. Dentro desse campo, o das brincadeiras, a rotina do CTB tem proporcionado ganhos simples entre as crianças, questões ligadas a autonomia na higiene e alimentação, aprendem a ser mais tolerantes, principalmente através do afeto com os pares, e ganhos mais complexos em

questões como a linguagem e comunicação, o que é uma das grandes barreiras do autismo, como vimos no capítulo anterior. Outros ganhos como coordenação motora ampla e dessensibilização ao toque, nas trocas durante o brincar, esse último muito conectado a afetividade das crianças com os tios e tias.

Gohn (2006) descreve algumas características da educação não-formal como metas sociais, entre elas o “aprendizado quanto a diferenças - aprende-se a conviver com demais. Socializa-se o respeito mútuo” e no caso do CTB, com as crianças com autismo, os irmãos dessas crianças e outras crianças com desenvolvimento típico que eventualmente frequentam o espaço, as crianças aprendem a entender o outro, com suas diferenças, independentemente de estarem no Espectro ou não.

Enquanto espaço não-escolar, o funcionamento do Clubinho Tudo de Bom se dá em um momento em que as crianças não estão nas escolas: no final de semana, e é estruturado em 4 horas por turno, pela manhã as crianças pequenas (2 a 7 anos) e pela tarde as crianças maiores (7 a 12 anos). Durante esse período, existem dois momentos direcionados: o de movimento e o de artes.

Nas atividades de movimento são exploradas brincadeiras, circuitos e jogos, que proporcionam consciência corporal, espacial, interações e além de tudo, ludicidade. No momento das artes, são pensadas atividades direcionadas que aliem criatividade e coordenação motora fina, essas atividades são contextualizadas a partir de datas comemorativas. Gohn (2006) aponta que “na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos”, assim, ter como norte brincadeiras e temas que estão intensamente presentes na vida das crianças é estabelecer conexão com o tempo e permitir interação de mundo social, desmistificando que a pessoa com autismo “vive em seu próprio mundo”.

Podemos dizer ainda que o CTB perpassa em aspectos de educação social, considerando a ideia de comunidade e de grupo de seus agentes, apresentada na entrevista com os responsáveis, assim:

o Educador Social atua em uma comunidade nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo que se incorpora. (GOHN, 2009, p. 34)

Desta forma, relacionando seus objetivos e organização, o Clubinho Tudo de Bom, como espaço educativo não-escolar tem seu diferencial marcado na sua “construção familiar”, de modo que se surge das necessidades de uma família em ter segurança e cuidado para com seu filho, de sua estruturação ser em uma casa e por ter os tios e tias nos acompanhamentos. Interessante destacar a fuga do cunho terapêutico do CTB, pois é um lugar onde as crianças podem se expressar livremente e aprender coisas simples do dia a dia sem serem excluídas e o mais importante: brincando.

Abordamos aqui o que a educação propõe e onde ela acontece, apresentamos o Clubinho Tudo de Bom como um espaço educativo não-escolar, que busca atender crianças diagnosticadas com TEA com foco nas brincadeiras, de modo a incentivar o brincar coletivo, proporcionando experiências que somem conhecimentos para o desenvolvimento de cada um. No próximo capítulo, apresentaremos quais caminhos seguimos para a realização da presente pesquisa e a coleta de dados, que serão apresentados no capítulo seguinte.

## **4 OS CAMINHOS TRAÇADOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Neste capítulo, apresentaremos os processos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, de modo que são “o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MYNAIO, 2001, p. 16). Assim, vamos descrever a natureza da pesquisa, ou seja, que tipo de pesquisa estamos realizando, o contexto e o lócus da pesquisa e seus sujeitos e os procedimentos para a coleta de dados.

### **4.1 Natureza**

Para alcançar nossos objetivos, o presente estudo tem como método científico a pesquisa qualitativa, uma vez que o lócus e os sujeitos da pesquisa estão inseridos no meio social com suas características e especificidades, os resultados não podem ser quantificados, esse tipo de pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21).

### **4.2 O contexto e o lócus da pesquisa**

O Clubinho Tudo de Bom fica localizado na cidade de Fortaleza, CE, é um espaço destinado para as brincadeiras típicas da infância com sensibilização para o Transtorno do Espectro Autista. As crianças envolvidas estão diagnosticadas com autismo em diferentes níveis e tem idades entre 2 e 12 anos. Seu funcionamento é aos sábados, com grupos de crianças no período da manhã (8h às 12h) e no período da tarde (13h30min às 17h30min). Cada turno é organizado em [1] Chegada (Acolhimento e brincar livre), [2] Movimento, [3] Lanche, [4] Artes, [5] Banho e [6] Relaxamento, o espaço é pensado de acordo com os objetivos de cada atividade dessa rotina. No Clubinho Tudo de Bom, atuam profissionais da Saúde (psicólogos e estudantes de Psicologia) e Educação (pedagogas e estudantes de Pedagogia, educadores físicos e estudantes de Educação Física).

### **4.3 Sujeitos da pesquisa**

Como apresentado no capítulo anterior, para trazer o histórico e funcionamento do Clubinho Tudo de Bom, nos utilizamos de uma entrevista com os idealizadores do espaço.

Focados em ver a identificar as contribuições do Clubinho Tudo de Bom no desenvolvimento das crianças com TEA que frequentam o espaço, contamos com a colaboração de oito mães e três pais dessas crianças, sujeitos mais capazes de relatar quais os ganhos atribuídos aos seus filhos.

### **4.4 Coleta dos dados**

O trabalho de campo, realizado afim de buscar as informações necessárias para responder às perguntas da pesquisa, utilizou-se de uma entrevista e um questionário. Esta fase da pesquisa “realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias” (MINAYO, 2001, p. 26), onde pudemos nos aproximar dos sujeitos da pesquisa e confirmar nossos objetivos de pesquisa, como apontou Minayo.

#### *4.4.1 Entrevista*

Optamos pela entrevista porque permite um encontro e uma gama de informações mais completas, acreditamos que os entrevistados se sentem mais tranquilos para falar sobre o que se busca saber. Para Lakatos e Marconi (2003), a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (p. 195). Neste caso, dispomos da entrevista para coleta de dados e para tal, a mesma foi estruturada, ou seja, “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas.” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 197). Foram elaboradas 10 (dez) perguntas acerca dos objetivos citados acima. (Ver Apêndice A).

A entrevista foi realizada no dia 13 de novembro de 2019, na sede do Clubinho Tudo de Bom, no turno da tarde. Participaram da pesquisa Daniela Alves e Silvio Nascimento, idealizadores e proprietários do espaço.

Os achados dessa entrevista foram utilizados nos subitens 3.1 “O Clubinho Tudo de Bom: primeiras impressões e a história da fundação” e 3.2 “O Clubinho Tudo de Bom como um espaço educativo não-escolar”, de modo a contextualizar e fundamentar cientificamente o que buscamos no referido capítulo.

#### 4.4.2 Questionários

Para Lakatos e Marconi (2003), o questionário

é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (p. 201)

No nosso caso, nos utilizamos de questionário *on-line*, elaborado na ferramenta “Formulários Google”, atualmente essa ferramenta possibilita rapidez na realização de pesquisa, pois as perguntas são enviadas por meio digital e o acesso às respostas é imediata.

O questionário foi dividido em três sessões (ver Apêndice 2), a primeira com questões acerca do perfil de quem estava respondendo e a fase de diagnóstico do TEA; a segunda com questões voltadas para características específicas do autismo e as contribuições do Clubinho Tudo de Bom para as crianças e a terceira sessão sobre a relevância do CTB para cada um e para a sociedade.

Como apresentado no item anterior, participaram da pesquisa mães e pais de crianças com autismo e que frequentam o CTB. Esta fase da pesquisa deu início no dia 18 de novembro de 2019 e foi encerrada no dia 25 do mesmo mês. O questionário foi enviado via *WhatsApp* para os sujeitos da pesquisa, mediante autorização em participar da pesquisa, ocorreu a partir de um primeiro contato de Daniela com os mesmos, que em seguida repassou os contatos para a realização da pesquisa. No corpo da mensagem, um texto explicativo sobre o público da pesquisa e os objetivos e ao final um *link* que redireciona para o formulário *on-line*.

## 5 O CLUBINHO TUDO DE BOM E O AUTISMO: AS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Neste capítulo apresentamos os resultados da pesquisa, descrevendo os relatos dos pais sobre o desenvolvimento dos seus filhos(as) e refletindo de cada aspecto abordado.

Durante o período da pesquisa, tivemos, ao todo, 11 (onze) questionários respondidos por pais ou mães de crianças com TEA que frequentam o CTB. Destes, 8 (oito) foram respondidos apenas pelas mães, 1 (um) pelo pai<sup>4</sup> e 2 (dois) por mãe e pai juntos, no questionário não foi solicitada a identificação de quem estava respondendo, assim como não foi obrigatório responder quem era seu filho ou filha (pergunta 4). Optamos pela opção de pai e mãe responderem juntos (se possível) em uma perspectiva mais ampla, pois os dois podem refletir melhor juntos acerca das respostas. Um questionário foi respondido sobre uma criança que frequenta o CTB e é portadora de Síndrome de Down, embora não seja o foco da nossa pesquisa, achamos importante a inclusão, mas as respostas não serão usadas na análise.

A segunda pergunta foi relacionada à idade e profissões dos pais e mães, tivemos como resultado idades entre 37 e 49 anos. Dentre as profissões identificamos áreas de Saúde (Medicina, Fisioterapia e Enfermagem), Educação, Direito, Comércio, Artesanato e do setor de Finanças (Contabilidade e Banco).

A terceira pergunta buscou saber se tinham outros filhos ou filhas, 3 responderam que não tinham outros filhos e 7 que sim, desses, 6 tem apenas mais um filho ou filha e 1 tem outros três filhos, não foi explicitado se desses outros filhos eram mais novos ou mais velhos.

Em média, as crianças foram diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista entre dois e três anos de idade, exceto uma criança, que foi diagnosticada por volta de 08 meses de idade. De acordo com o CID – 10, “as anormalidades se tornam mais aparentes antes da idade de 03 anos” (p. 247), de modo que um dos mais evidentes aspectos são comprometimentos nas interações sociais, geralmente sendo percebidos primeiro pela mãe.

---

<sup>4</sup> Essa resposta foi relacionada a uma criança cuja a mãe já havia respondido, então, em algumas respostas iremos considerar uma resposta só.

Quando perguntados sobre como conheceram o Clubinho Tudo de Bom, fica clara a ideia de comunidade apresentada anteriormente, pois a maioria ficou sabendo do espaço através de grupos de mães, indicação de outras mães ou amigos e poucos conheceram através da *internet* ou redes sociais. A maioria das crianças frequentam o CTB há mais de quatro anos ou desde a sua fundação, duas crianças frequentam a menos de 3 anos. Sobre a adaptação das crianças ao espaço, todas as respostas foram positivas, de forma que um lugar novo, com pessoas novas é sempre um pouco difícil, mas não foi o caso das crianças do Clubinho Tudo de Bom.

A segunda sessão de perguntas foi direcionada a aspectos específicos do autismo, sendo perguntado: Levando em consideração algumas características do autismo, como você acha que o Clubinho tem contribuído: na afetividade? Nas interações? Na tolerância? Na linguagem? No pensamento? Nas brincadeiras? No movimento? Na higiene? Na alimentação? E no comportamento? Consideramos essas características em torno do desenvolvimento infantil que é “um processo de apropriação da cultura pela significação que o outro mediador faz das ações da criança, transformando-as em atos significativos” (CHIOTE, 2015), e, como as mediações no Clubinho Tudo de Bom ocorrem através de trocas “não é a deficiência que traça o destino da criança, mas a maneira como ela é significada culturalmente” (VIGOTSKY, 1997 *apud* CHIOTE, 2015, p. 30).

Nos detemos nestes aspectos, pois são, na infância as bases do desenvolvimento, como já apresentado, o autismo apresenta déficits em algumas grandes áreas necessárias para um desenvolvimento pleno. Também apontamos estes aspectos, de modo que eles ficam evidentes nas atividades desenvolvidas no espaço.

A seguir, organizamos tabelas com as repostas obtidas em cada aspecto citado, como também o período que a criança frequenta o Clubinho Tudo de Bom, para que haja uma visualização melhor das evoluções apresentadas.

**Afetividade:** O primeiro aspecto escolhido foi a afetividade (Tabela 1) porque é a partir das relações que criamos uns com os outros que podemos estabelecer outras pontes do desenvolvimento, o carinho estabelece a confiança que as crianças precisam para evoluir, sobretudo nas crianças com autismo, independentemente do nível identificado.

**Tabela 1 – Contribuições na afetividade entre as crianças do CTB.**

PERÍODO		AFETIVIDADE
Frequenta há 03 anos.	03	Sim, acho que compartilhar o espaço e os cuidados com outras crianças contribui sim.
Frequenta há 05 anos.	05	Que acredito que muito, pelo carinho e atenção dedicada as crianças, **** <sup>5</sup> é mais carinhosa, aceita abraços desde que comunicado... Muito Bom
Frequenta há 01 ano.	01	**** sempre foi uma criança afetiva. Nesse sentido, permaneceu.
Frequenta há 05 anos.	05	Aceita carinhos e abraços / 10.
Frequenta há 05 anos.	05	Existe a segurança gerada pelo acolhimento. A aceitação incondicional e o amor sincero. Vínculos de amizade. Rotinas respeitadas...
Frequenta há 03 anos.	03	Equipe muito carinhosa. Da o modelo e estimula esse comportamento.
Frequentou 03 anos.	durante	O **** é uma criança muito carinhosa, ele recebeu muito carinho da equipe.
Frequenta há 05 anos.	05	Estimulam o contato visual e o carinho mútuos.

Fonte: dados da pesquisa.

Ainda sobre a afetividade, acreditamos que, no Clubinho Tudo de Bom, seja um dos pilares para um bom relacionamento e desenvolvimento, isso fica evidente nos vínculos estabelecidos entre tios-crianças e crianças-crianças, dessa forma, elas tendem a reproduzir esses comportamentos em outros espaços e de forma positiva, como vimos na tabela acima, possibilitando-nos concordar com Henri Wallon, em dizer que:

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo no qual elas começam por fundir e do qual receberás as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (1986 *apud* GALVÃO, 1996, p. 63-64)

**Interações.** Como há uma dificuldade nas interações no autismo, a busca por trocas afetivas pode contribuir para o aprendizado do carinho também para além da família, em outros ambientes, o que também contribui para a inclusão da criança, para que ela se perceba no mundo e se sinta cuidada e acolhida com afeto.

As interações são as trocas que fazemos com o outro, podemos perceber na Tabela 2 a influência dos momentos coletivos nesse aspecto, através das brincadeiras, do compartilhamento de experiências e na importância de se aprender a respeitar as diferenças de cada um.

<sup>5</sup> Optamos por excluir o nome das crianças a fim de preservar suas identidades.

**Tabela 2 – Contribuições nas interações entre as crianças do CTB.**

PERÍODO	INTERAÇÕES
Frequenta há 03 anos.	Sim, os profissionais são maravilhosos e super engajados em interagir com as crianças, sempre respeitando sua individualidade.
Frequenta há 05 anos.	Excelente, pois com as brincadeiras proporciona mais interação entre as crianças, na hora do lanche todos juntos... Maravilhoso
Frequenta há 01 ano.	**** tem interagindo mais, principalmente com o irmão
Frequenta há 05 anos.	Interage com os pares e tios. / 10
Frequenta há 04 anos.	Através das brincadeiras, dos experimentos.
Frequenta há 05 anos.	Ele convive com iguais e diferentes. Há uma construção de habilidade para interagir com o outro.
Frequenta há 03 anos.	Estimula através de brincadeiras compartilhadas e outras estratégias.
Frequentou durante 03 anos.	Foi espetacular o ganho nas interações sociais.
Frequenta há 05 anos.	As brincadeiras envolvendo pessoas e sem tecnologia estimulam a interação demais

Fonte: dados da pesquisa.

Os ganhos na afetividade ou nas emoções internas “acompanham-se de modificações visíveis no exterior, *expressivas*, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador no meio humano” (GALVÃO, 1996, p. 63), ou seja, no meio social. Assim, pelas ações e atividades desenvolvidas no Clubinho Tudo de Bom, as crianças tendem a ter uma melhora em suas interações, que ficaram perceptíveis nos achados da pesquisa, pois “É na relação entre os sujeitos, no espaço da intersubjetividade, que os movimentos da criança vão se transformando em gestos, como um caráter semiótico e intencional, de acordo com os significados socialmente atribuídos” (CHIOTE, 2015, p. 31).

**Tolerância.** A tolerância é o que podemos chamar de espera. De acordo com o CID – 10, o autismo tem uma condição onde há padrões de comportamento restritos, repetitivos ou estereotipados e “isto toma a forma de uma tendência a impor rigidez e rotina a uma ampla série de aspectos do funcionamento diário; usualmente isto se aplica tanto a atividades novas como há hábitos familiares e padrões de brincadeiras” (CID-10, 1993, p. 248). A partir dos momentos direcionados propostos no Clubinho Tudo de Bom, as crianças são encorajadas a perceber o tempo e o outro, aprendendo a esperar, dentro das rotinas e dos padrões estabelecidos por cada uma (Tabela 3).

**Tabela 3 – Contribuições na tolerância entre as crianças do CTB.**

PERÍODO	TOLERÂNCIA
Frequenta há 03 anos.	Sim, pq lá ao contrario de casa ele não é única criança e tem que esperar a vez dele a vez do outro
Frequenta há 05 anos.	Acredito que ajuda bastante, pois através da brincadeira, da interação que proporciona, as crianças aprendem a tolerar, esperar sua vez... Acredito que seja isso.
Frequenta há 01 ano.	A tolerância a frustração melhorou pouca coisa
Frequenta há 05 anos.	Aguarda a vez dela com mais paciência
Frequenta há 04 anos.	Nas atividades direcionadas e a rotina do local.
Frequenta há 05 anos.	Cumprir horários e regras ajuda a aumentar a tolerância, fundamental para crianças com TEA.
Frequenta há 03 anos.	Com o trabalho com grupos pequenos essa habilidade é treinada
Frequentou 03 anos.	Na tolerância, ele apresentou pequenos progressos.
Frequenta há 05 anos.	Com brincadeiras de aguardar a vez, ensinam a criança a esperar

Fonte: dados da pesquisa.

**Linguagem.** Para Vigotsky, “a linguagem possibilita a comunicação e a interação com o meio e com os outros; cria a base para a emergência de processos simbólicos, e, a partir deles a significação e a conseqüente organização e a regulação da atividade humana” (2005; 2007 *apud* CHIOTE, 2015, p. 33), e embora o CID-10 e o DSM-V descrevam comprometimentos qualitativos na linguagem, no Clubinho Tudo de Bom, todas as formas de comunicação são levadas em consideração (Tabela 4).

**Tabela 4 – Contribuições no desenvolvimento da linguagem nas crianças do CTB.**

PERÍODO	LINGUAGEM
Frequenta há 03 anos.	Sim
Frequenta há 05 anos.	Toda proposta do clubinho vai proporcionando resultados maravilhoso inclusive na linguagem, a criança é livre pra se expressar...
Frequenta há 01 ano.	Difícil avaliar. **** é não oralizado. Está melhorando com o treino do PECS.
Frequenta há 05 anos.	Melhora na vocalização / Contribui muito na linguagem não verbal.
Frequenta há 04 anos.	Em proporcionar diferentes momentos de fala, corporal, expressões faciais e compreensão casa fala do outro.
Frequenta há 05 anos.	A possibilidade de interagir com diferentes monitores e crianças enriquece a linguagem.
Frequenta há 03 anos.	Estimula desde a entrada até a saída a comunicacao
Frequentou 03 anos.	Ele apresentou alguns ganhos na linguagem.
Frequenta há 05 anos.	Os dias temáticos e atividades variadas, conversando com a criança contribuem bastante

Fonte: dados da pesquisa.

Compreendemos a comunicação como “um processo complexo de transmissão de informação utilizado pelo ser humano com o propósito de influenciar o comportamento daqueles que nos rodeiam, compartilhando informação, exprimindo desejos e necessidades” (ORRÚ, 2002, p. 64), assim, a comunicação é manifestada através de diferentes tipos de linguagem e que apresenta ganhos significativos dentre as crianças do CTB, como identificado entre os pais dessas crianças. A comunicação é um passo importante no desenvolvimento infantil, o que acontece no CTB é a compreensão da forma como cada criança se comunica, independentemente se ela verbaliza ou não, os tios e tias, assim como os irmãos, se empenham em proporcionar a evolução a partir de gestos e trocas positivas durante os momentos das interações e brincadeiras:

A linguagem e o outro ocupam um papel relevante no desenvolvimento da autorregulação, pois é na palavra do outro, como ela é enunciada e interpretada, a partir de uma rede de significações, que os sentidos são produzidos na atividade da criança regulando culturalmente sua ação. (CHIOTE, 2015, p. 50)

Sobre a participação do outro nesse processo de aquisição da linguagem:

Falta ao autista uma abordagem educacional que não se reduza ao treinamento de habilidades de comunicação, mas sim que esteja aberta à sua constituição enquanto sujeito, a partir do desenvolvimento da linguagem, da interação social, de sua contextualização histórica. (ORRÚ, 2012, p. 76)

Assim, de modo a sempre respeitar os sujeitos, o CTB busca entender as crianças de modo particular, pois é neste processo, a partir das interlocuções com os outros que a linguagem se desenvolve, dando sentido as interações sociais e de forma internalizada, abre caminho para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como veremos a seguir, o pensamento.

**Pensamento.** Para autores como Vygotsky e Wallon, linguagem e pensamento são símbolos que dependem categoricamente um do outro, de modo que com o aparecimento da linguagem o pensamento passa a evoluir e com isso a linguagem se desenvolve ainda mais, ou seja, quando um “cresce” o outro também. Para Wallon, “a aquisição da linguagem representa, assim, uma mudança radical na forma de a criança se relacionar com o mundo” (GALVÃO. 1996, p. 78) e de acordo com Vygotsky:

As funções psicológicas superiores deveriam ser compreendidas nas relações sociais presentes na vida do indivíduo, sendo o homem participante do processo de criação de seu meio, e não determinado por ele. Ele é um ser social e cultural em uma história de desenvolvimento, que parte do

interpessoal para o intrapessoal, tendo a linguagem como mediadora de todas as suas relações. (ORRÚ, 2014, p. 80)

Nas crianças com autismo o desenvolvimento ou até mesmo o surgimento da linguagem acontece de maneira mais específica, com isso, de acordo com os autores citados, o pensamento se dará no mesmo ritmo. Mas isso não significa dizer que as crianças não pensem ou não detenham as funções psicológicas superiores, mas sim, como trouxemos em Orrú (2012), perceber a criança com autismo para além da sua linguagem, não se limitando apenas ao modo como se fala, mas sim como se comunica. Como apresentado na Tabela 5, os pais das crianças percebem que os estímulos oferecidos no CTB ajudam nesse processo, que além da comunicação, proporcionam outras funções tão importantes na vida da criança com autismo, como a organização de si e o encorajamento para as brincadeiras.

**Tabela 5 – Contribuições no desenvolvimento do pensamento nas crianças do CTB.**

PERÍODO			PENSAMENTO
Frequenta anos.	há	03	Sim
Frequenta anos.	há	05	Acredito que no pensamento também, pois devido a sua experiência e conhecimento, consegue extrair e incentivar seus pensamentos.
Frequenta anos.	há	01 ano.	Difícil avaliar.
Frequenta anos.	há	05	Melhora no entendimento dos comandos. / 10
Frequenta anos.	há	04	Em perceber que a pessoa com deficiência apresenta compreensão de um todo, mesmo com suas limitações.
Frequenta anos.	há	05	Há novos estímulos e isso ajuda muito na organização e planejamento.
Frequenta anos.	há	03	Não sei o que responder
Frequentou 03 anos.	durante		Não entendi
Frequenta anos.	há	05	Estimulam muito o faz de conta

Fonte: dados da pesquisa.

**Movimentos.** O movimento é a liberdade de se expressar e perceber-se no mundo. A criança por si só é movimento. A psicogenética walloniana mostra que “antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. Podemos dizer que a primeira função do movimento no desenvolvimento é afetiva” (GALVÃO, 1996, p. 70). Como um dos objetivos do CTB é explorar as brincadeiras e outras atividades direcionadas, então é necessário estar atento aos movimentos do corpo, para

Wallon, “O desenvolvimento da dimensão cognitiva do movimento torna a criança mais autônoma para agir sobre a realidade exterior. Diminui a dependência do adulto, que antes intermediava a ação da criança sobre o mundo físico” (GALVÃO, 1996, p. 73), fica evidente na Tabela 6 eficácia das ações do CTB nesse aspecto, onde é perceptível que a maioria das crianças obteve ganhos no que diz respeito ao controle dos movimentos, além disso, esse desenvolvimento também contribui para um melhor comportamento (Tabela 8), “Wallon chama de *disciplinas mentais* a capacidade de controle do sujeito sobre suas próprias ações” (GALVÃO, 1996, p. 75), podemos considerar que todos os aspectos abordados aqui estão interligados, de maneira que ao se considerar e avançar em um, progressivamente se avança em outro, no caso dos movimentos e comportamento.

Em 1968, o psicólogo Eric Schopler desenvolveu um programa de reeducação para crianças com autismo, onde se destacam os aspectos emocionais e cognitivos. A partir disso, refletimos sobre as interações nas crianças do CTB e destacamos dois pontos deste estudo, que a partir do movimento é possível: “Melhorar as relações com os outros seres humanos pelos contatos cutâneos, as atividades de jogo, a estimulação do esforço baseada a partir do prazer da repetição”, e “Agir sobre os distúrbios percepto-motores que podemos normalizar através de um clima de contato caloroso” (SCHOPLER, 1968 *apud* LAGE, 1984, p. 75).

**Tabela 6 – Contribuições na articulação de movimentos nas crianças do CTB.**

PERÍODO		MOVIMENTOS	
Frequenta anos.	há 03	Sim	
Frequenta anos.	há 05	Nossa em tudo, as crianças se movimentam bastante e com alegria. Os tios também...rs	
Frequenta anos.	há 01 ano.	**** sempre foi uma criança ativa. É assim permanece.	
Frequenta anos.	há 05	Melhor na coordenação motora grossa e fina. / 10	
Frequenta anos.	há 04	Perceber que através do movimento o processo de aprendizado é mais prazeroso e possível.	
Frequenta anos.	há 05	As brincadeiras desenvolvidas no Clubinho envolvem muito movimento, ritmo e coordenação motora, representando um ganho nessas três áreas.	
Frequenta anos.	há 03	Realiza atividades que auxiliam no desenvolvimento motor amplo e fino	
Frequentou 03 anos.	durante	Foi muito positivo	
Frequenta anos.	há 05	Eles fazem muita atividade motora e de equilíbrio	

Fonte: dados da pesquisa.

**Brincadeiras.** Wajskop aponta que “a brincadeira é um fato social, espaço privilegiado da interação infantil de constituição do sujeito-criança como sujeito humano produtor de história e cultura”, assim “a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar” (WAJSKOP, 1990, pp. 28-29 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 44), como já vimos, o Clubinho Tudo de Bom busca romper com os paradigmas de que a criança com autismo não interage ou não brinca, e que isso tem se mostrado eficaz ao longo dos anos como mostra a Tabela 7, como é seu foco principal, fica evidente que até crianças com pouco tempo de participação já apresentam avanços nesse quesito, ou seja, aprender a brincar.

Podemos dizer que todos os aspectos abordados anteriormente “nascem” nesse movimento do brincar e se expandem para além dele e que, posteriormente, voltam para o brincar, em uma constante troca de ganhos e avanços no desenvolvimento das crianças. Para Luckesi:

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, não conduzem para esse estado de consciência. (LUCKESI, 2000, p. 21 *apud* LUCKESI, 2002, p. 25)

Para esse autor, “o ato lúdico propicia uma experiência plena para o sujeito”, ou seja, no CTB, para o desenvolvimento das crianças com autismo, as brincadeiras proporcionam experiências plenas, quando brincam, as crianças adquirem habilidades como a afetividade e as interações, que servirão como base para elementos mais complexos como a linguagem e o pensamento, assim, concordamos com Vygotsky (1989) quando fala que, “como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte do desenvolvimento” e embora a relação brincadeira-desenvolvimento “poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência” (VYGOTSKY, 1989, p. 117).

**Tabela 7 – Contribuições no brincar entre as crianças do CTB**

PERÍODO	BRINCADEIRAS
Frequenta há 03 anos.	O foco do clubinho é a brincadeira, que é o processo mais importante para o Desenvolvimento das crianças.
Frequenta há 05 anos.	Perfeito, maravilhosas, acho que é através dela que a criança consegue se divertir, se expressar...
Frequenta há 01 ano.	As brincadeiras estão mais funcionais
Frequenta há 05 anos.	Brinca com os pares / 10.
Frequenta há 04 anos.	Experimentos para o desenvolvimento cognitivo através de brincadeira e vivenciado
Frequenta há 05 anos.	O Clubinho propõe o resgate de habilidades, construção de laços e afirmação pessoal pela brincadeira. Então, há um incremento importante no brincar, que para algumas crianças com TEA pode ser bem difícil e empobrecido.
Frequenta há 03 anos.	Ensino de novas brincadeiras e interação durante as atividades
Frequentou durante 03 anos.	Neste aspecto, foi notório o ganho do ****, pois o espaço é muito lúdico,
Frequenta há 05 anos.	Eu vejo meu filho sempre feliz e repete brincadeiras em casa

Fonte: dados da pesquisa.

**Comportamento.** Como vimos mais acima, de acordo com Wallon, os movimentos têm influência direta no comportamento. Thomas Mates (FONTE) considera que, no autismo, “a maioria dos distúrbios do comportamento são decorrentes da falta de comunicação” (SCHWARTZMAN, 1995, p. 217)

Leo Kanner demonstrou isso em seus estudos, porém, as crianças do Clubinho Tudo de Bom apresentam significativas evoluções no comportamento relatadas pelos pais na Tabela 8 e pode-se dizer que isto foi decorrente dos resultados apresentados nas Tabelas 4 e 6, referidas a linguagem e ao movimento, respectivamente. Para a criança com autismo, a consciência de si é gradual, por isso a constante apresentação do que são chamados de “comportamentos inadequados”, vale salientar que esses são comportamentos *socialmente* inadequados, pois como há um déficit de interação social, a criança, muitas vezes só age no meio, sem intencionalidade. Quando passa a se comunicar melhor, movimentar-se melhor, ela pode se perceber no meio e perceber o outro, de maneira que passa a “comandar o estímulo, escolhendo o foco de sua atenção ou o sentido de sua ação motora” (GALVÃO, 1996, p. 76). O que se percebe, nesse sentido, é o trabalho feito com paciência e dedicação para com as crianças, esses significados vão sendo construídos de acordo com a aceitação das crianças e de suas respectivas individualidades.

**Tabela 6 – Contribuições no comportamento das crianças do CTB.**

PERÍODO	COMPORTAMENTO
Frequenta há 03 anos.	Sim
Frequenta há 05 anos.	Também contribui bastante, pois aprendem também a se comportar, interagir, comunicar...
Frequenta há 01 ano.	**** tem interagido melhor e está progressivamente mais autônomo
Frequenta há 05 anos.	Mais tranquila. / 10
Frequenta há 04 anos.	Como meio de comunicação funcional.
Frequenta há 05 anos.	Há uma notória evolução no comportamento, com aumento de concentração e intenção comunicativa.
Frequenta há 03 anos.	Equipe preparada para o manejo de comportamentos inadequados
Frequentou durante 03 anos.	Foi muito positivo
Frequenta há 05 anos.	Tudo que foi falado antes é comportamento social adequado. Só contribui

Fonte: dados da pesquisa.

**Higiene e Alimentação.** A autonomia é, sobretudo, um dos desafios maiores para o desenvolvimento humano. Como apresentado no DSM-V, a criança com autismo, seja qual for o nível, está sempre dependente do outro, até que atribua comportamentos com independência, a criança passa por diversos. especialistas e terapias. Mais acima, apresentamos características mais externas, por assim dizer, mais socialmente visíveis, o que queremos dizer é que o CTB também colabora em aspectos mais simples do dia a dia, mas que são extremamente importantes, principalmente para as famílias. A seguir, apresentamos os relatos relacionados à higiene e alimentação das crianças com autismo. Ainda sobre a consciência de si para a independência, o Clubinho Tudo de Bom está atento à essas demandas, no momento do banheiro, quando as crianças são mediadas a satisfazerem suas necessidades com organização, no banheiro há quadros ilustrativos para cada ação: usar o aparelho sanitário, lavar as mãos, escovar os dentes, etc. (estímulos visuais são muito importantes para que as crianças imitem os comportamentos) e há sempre acompanhamento para as crianças que não conseguem sozinhas, sendo mediadas e incentivadas a aprender tais atividades (Tabela 9). A hora do lanche é um momento coletivo, onde as crianças têm acesso ao alimento de forma a estarem sempre sendo orientados a sentar-se à mesa para comer, utilizar os objetos de forma adequada, por exemplo copos e talheres, e que possam comer sozinhas,

dando um passo para a autonomia e uma conquista para os pais e mães, além disso, embora algumas crianças apresentem restrições alimentares, são oferecidos alimentos diversos dentro das possibilidades de cada um(a).

**Tabela 7 – Contribuições na higiene e alimentação das crianças do CTB.**

PERÍODO	HIGIENE	ALIMENTAÇÃO
Frequenta há 03 anos.	Sim	Pq são expostos a outros alimentos e outras pessoas fazendo esse processo da alimentação.
Frequenta há 05 anos.	Muito bom, porque também ensinam as crianças.	Alimentação saudável, tudo de bom
Frequenta há 01 ano.	Ainda temos muito que avançar nas AVD. Incluindo a questão de higiene	**** é bem autônomo em relação à alimentação. Isso tem se fortalecido nesse ano
Frequenta há 05 anos.	Vai ao banheiro e toma banho com independência. / 10	Se alimenta bem e com independência. / 10
Frequenta há 04 anos.	Autonomia	Ampliar o paladar
Frequenta há 05 anos.	O Clubinho sempre estimulou a independência e autocuidados, dentro dos limites de cada criança.	**** não apresentou melhora significativa nesse ponto, fazendo com que sua alimentação continuasse restrita ao que ele gostava. No entanto, com seu amadurecimento, houve melhor aceitação de novos hábitos alimentares.
Frequenta há 03 anos.	Aproveita todas as oportunidades para o ensino de novas habilidades	Oferece variedades de alimentos saudáveis
Frequentou durante 03 anos.	Foi o começo das Aves e do desfralde	Teve pontos positivos.
Frequenta há 05 anos.	Eles trabalham a hora do banho e o ambiente é sempre limpo	O lanche coletivo, sempre respeitando a necessidade individual da criança

Fonte: dados da pesquisa.

O último ponto apontado nessa sessão não era com resposta obrigatória e os sujeitos da pesquisa ficaram à vontade para responder, na Tabela 10 temos as respostas, embora com poucas respostas é possível visualizar o acolhimento às famílias e às crianças citado pelos idealizadores do Clubinho Tudo de Bom.

**Tabela 80 – Outras contribuições ou opiniões**

OUTROS
Amo Clubinho Tudo de Bom!!!
Melhora no entendimento/ aceitação do outro e na interação
Transmite muita alegria...
10

Fonte: dados da pesquisa.

Na terceira sessão do questionário, buscamos saber a relevância do Clubinho Tudo de bom perguntando: Que importância você acha que o Clubinho Tudo de Bom tem para seu filho ou filha? Para você? E para a sociedade de um modo geral? e também um espaço para outros comentários. Acreditamos que seja importante agregar essas informações para que as ações se multipliquem e se envolvam cada vez mais na melhora da qualidade de vida das crianças. Na Tabela 11, apresentamos os relatos dados pelos pais:

**Tabela 11 – Importância do CTB.**

**“QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ACHA QUE O CLUBINHO TUDO DE BOM TEM PARA SEU FILHO OU FILHA? PARA VOCÊ? E PARA A SOCIEDADE DE UM MODO GERAL?”**

Acho maravilhoso para os pais, pq é um espaço de uma casa (como se as crianças fossem pra casa de uma amigo) e não clínica. Contamos com pouca rede de apoio e lá tem pessoas treinadas, amorosas e acolhedoras que ajudam bastante ao desenvolvimento dos nossos filhos.

Muito importante. Um espaço que fez toda diferença.

Para minha filha, principalmente porque é um lugar que ela se sente muito bem, liberdade, alegria, longe das terapias, pura diversão, muito Amor... Importante este trabalho para todos que querem que seus filhos vivenciem essa experiência

O clubinho trabalha a criança de uma forma respeitosa. Isso por si só já é um grande diferencial é um motivo de grande importância

Clubinho Tudo de bom de total importância no desenvolvimento físico e mental de minha filha.

P nós como família, temos muito a agradecer imensurável respeito, credibilidade com nosso filho. Temos um clubinho como um local onde encontramos Amor, atenção, satisfação em fazer parte e um lugar de apoio.

A tranquilidade de deixar seu filho em um espaço em que, além de cuidados e atenção, ele receberia carinho e afeto, e que seria integralmente respeitado, faz qualquer pai ou mãe experimentar um sentimento de gratidão, respeito, felicidade e paz. É como se você sentisse que está cumprindo seu papel de pai e mãe, que é amar, proteger e proporcionar aprendizado e alegrias para seu filho. Quando seu filho tem TEA, não são muitos os espaços que proporcionam esse sentimento. O Clubinho Tudo de Bom é um deles e nunca agradeceremos o suficiente pelo que temos recebido.

Para minha filha é um momento de aprendizado, mas também de recreação. Para nós, pais, um momento de descanso tranquilo porque confiamos na equipe que está com nossa filha. E para a sociedade, sem dúvida, o Clubinho tem sido importante pela disponibilidade de contribuir com a conscientização sobre o autismo.

O Clubinho foi o primeiro espaço, onde o \*\*\*\* Pode aprender as brincadeiras da infância de modo bem natural, respeitando o seu limite de tolerância.

Clubinho é lugar de gente feliz, ou seja, é tudo de bom

Pra nós, o Clubinho é um local onde posso deixar meu filho em segurança, no qual sei que ele estará também feliz e sendo estimulado a ser criança.

Fonte: dados da pesquisa.

Notamos que os pais relatam fatores para além do cuidado e da segurança para com seus filhos e filhas: o aprendizado. O que buscamos evidenciar

com a presente pesquisa, como um lugar, que surge da necessidade de pais de uma criança com autismo e se propõe às brincadeiras, ensina muito mais do que brincar? O autismo apresenta diferentes características e essas são manifestadas de maneiras e intensidades diferentes dentre as crianças do Clubinho Tudo de Bom. Vemos que foge do padrão terapêutico que tanto faz parte da vida dessas crianças, onde a criança pode se divertir e aprender coisas simples, dando um pequeno passo de cada vez.

Também podemos ver nos relatos que a ideia de acolher as famílias, proposta pelo próprio espaço, tem se concretizado, fazendo com que o mesmo faça parte de suas vidas, apontando para uma tranquilidade de que tanto precisam, é possível perceber que também sentiram uma angústia, como a da Daniela, quando viu que seu filho não recebia a devida atenção e que essa angústia tem sido apagada, deixando espaço livre para a esperança e para a gratidão (Tabela 12).

**Tabela 12** – Outros comentários.

“FIQUE A VONTADE PARA ACRESCENTAR ALGUM OUTRO COMENTÁRIO.”

Agradeço muito ao clubinho e todos os seus colaboradores.

Amamos o Clubinho. Faz o possível com amor, o que importa.

Gratidão essa equipe maravilhosa, que acima de tudo, dedica amor, liberdade, alegria, afeto, carinho, respeito, acolhida a minha filha. Ela adora ir para o Clubinho.

Clubinho não imagino nossa família sem ele..

Desejamos crescimento e reconhecimento para a idealizadora Daniella e todos os monitores que já passaram e os que estão.

Gratidão define o que sentimos pelo trabalho do Clubinho, que é sério e responsável, mas também é leve e amoroso.

Amooooo o Clubinho. Já troquei terapeutas nesses 4 anos de diagnóstico, mas o Clubinho permaneceu. E abrir para os irmãos foi a melhor inovação que poderiam fazer. As crianças típicas são modelos naturais de desenvolvimento, além de estimular o companheirismo e inclusão entre os irmãos. Amooooo.

*Fonte: dados da pesquisa.*

Como apresentamos no primeiro capítulo - Transtorno do Espectro Autista: revisão conceitual e histórica, de acordo com a revisão retratada por Lage (1984), o autismo pode apresentar diversos déficits em diferentes áreas do desenvolvimento humano: cognitivo, afetivo, social, motor ou intelectual, o que pode acarretar uma dificuldade da pessoa em estar e se sentir inserida no meio social. No capítulo seguinte, trouxemos o Clubinho Tudo de Bom, que atua com objetivos e profissionais na intenção de, a partir de um ambiente familiar e lúdico, romper algumas barreiras postas por estes déficits.

Assim sendo, a partir dos achados da pesquisa de campo deste trabalho, trouxemos as reais contribuições que o CTB tem proporcionado às crianças, como também para as famílias. Percebemos ganhos em todos os aspectos apresentados, principalmente nas crianças que frequentam há mais tempo e com mais assiduidade, com uma ênfase no que diz respeito à tolerância, linguagem e brincadeira, sendo esses primeiros desenvolvidos de maneira indireta dentro dos momentos lúdicos do espaço.

Além disso, apresentamos a importância que o Clubinho Tudo de Bom tem para as crianças e para as famílias, ficando claro o sentimento de gratidão pelos laços afetivos e o cuidado com as crianças, como também a relevância que o lugar tem no desenvolvimento das crianças pois aprendem e brincam de forma prazerosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho buscou evidenciar os ganhos que o Clubinho Tudo de Bom tem proporcionado para suas crianças. No Brasil, ainda é constante a luta por garantia de direitos e de inclusão das pessoas com autismo e como bem apresentado nos achados da pesquisa, as famílias sentem falta de uma rede de apoio, o Clubinho Tudo de Bom tornou-se lócus do presente trabalho justamente por romper com essas barreiras a partir de um olhar sensível e atento ao que as crianças têm para mostrar.

E como também foi apresentado o CTB é um lar, onde as crianças e as famílias sentem-se acolhidas e se divertem. Podemos dizer que Clubinho Tudo de Bom é um grande desafiador, dentre muitos, principalmente da sociedade.

Paulo Freire (2019), aborda a alegria e a esperança como necessárias à prática educativa, de modo como ensinar e aprender, a esperança faz parte da natureza humana (FREIRE, 2019, p. 70). Acreditar que nos propomos a ensinar, nem que seja a bater palmas para se comunicar a uma criança do Clubinho Tudo de Bom é o que nos move. Levar em consideração cada criança com suas diferenças como uma pessoa que pode aprender aquilo que podemos ensinar é o que move a esperança do Clubinho Tudo de Bom.

O envolvimento da autora desde o período em que conheceu o CTB até a presente pesquisa se fez extremamente necessário, pois a partir do olhar investigador, pudemos adentrar na história de um lugar e no sentimento de famílias, que de algum modo também fazem com que o espaço possa acreditar em um futuro melhor para nossas crianças.

Destacamos também a relevância de se caracterizar o Clubinho Tudo de Bom como um espaço educativo não-escolar, de modo que também foi uma tarefa desafiadora, pois não é tão comum encontrar espaços com objetivos específicos para esse público. Além disso, essa relação foi possível graças à atuação de pedagogas na construção do espaço, entendemos que “as funções da educação correspondem a funções da atividade humana consideradas no processo educativo” destacando-se as “dimensões intelectual, social, afetiva, física, estética, ética.” (LIBÂNEO, 2005, pp. 86-87). Apontamos para a importância de serem amplamente apresentados, no ambiente acadêmico, estudos sobre os espaços educativos não-

escolares, assim como reflexões práticas sobre os papéis de pedagogas e pedagogos na sociedade além dos muros da escola, tratando da educação nas suas diversas facetas. Assim, as contribuições educativas no desenvolvimento das crianças, a partir do olhar pedagógico, abordam dimensões que vão além das funções alfabetizadoras.

Acreditamos que o trabalho desenvolvido no Clubinho Tudo de Bom nos momentos de brincadeiras, nos momentos livres, nos momentos das artes, na hora do lanche e até mesmo do banho, as trocas de ensino e aprendizagem são riquíssimas, consideramos até aqui o que as crianças têm aprendido, mas elas também têm ensinado, cada vez mais sobre elas mesmas e sobre o autismo em si, reforçando que cada pessoa é única e cada pessoa tem seu jeito de ser e de aprender.

Consideramos que atingimos nossos objetivos em apresentar como o Clubinho Tudo de Bom, apresentado como um espaço educativo não-escolar e em investigar e expor os relatos sobre as contribuições do CTB no desenvolvimento das crianças com autismo, de maneira que a infância é o berço da vida, onde cada pessoa começa a constituir-se no meio, percebendo a si e ao outro, onde se estabelecem vínculos e bases para as novas fases da vida, nas crianças do CTB de maneira alegre e quase que de forma cirúrgica, quando apontamos para o olhar para cada aspecto abordado durante a pesquisa e que, de alguma maneira, deixam cada criança com a sua existência única, com toda certeza marcada com carinho no Clubinho Tudo de Bom e em todos que dele fazem parte.

Concluimos com a certeza de que o Clubinho Tudo de Bom tem oferecido demasiados benefícios no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças com autismo, mas também com a convicção de que precisamos lutar contra as barreiras do preconceito, proporcionando meios para que as pessoas com autismo estejam no mundo e se percebam como tal, sem esquecer da alegria que é viver e brincar, esperando que mais famílias conheçam o espaço e que as crianças possam ter um desenvolvimento saudável e de qualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **Brincar uma aprendizagem para a vida**. In Brincar, amar e viver. ALMEIDA, M. T. P (Org.). Volume I, 1ª Edição. Assis/SP: Storbem Gráfica e Editora, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 30 out. 2019

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008**. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica. Ministério da Educação. Brasília: 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília: 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 15 set. 2019

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Brasília: Imprensa Oficial, 2012  
Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm). Acesso em: 30 out. 2019

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 30 out. 2019

CID-10 – **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil**: trabalhando a mediação pedagógica. 2. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 2007, 17(36), pp. 21-32

DOURADO, Fátima. **Amigos da Diferença – Uma abordagem relacional do Autismo**. Fortaleza, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 3ª Ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais e inclusão social**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./abr. 2009, p. 28-43. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/1/5>  
Acessado em: 05 de dezembro de 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=iso) Acessado em: 09 de outubro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 58° ed - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LAGE, Ana Maria Vieira. **Autismo Infantil: Revisão Bibliográfica**. Fortaleza: 1984.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 10 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5/ American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordoli... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf> Acessado em: 05 de dezembro de 2019

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e Atividades Lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. In Porto, Bernadete. Ludicidade: o que é isso mesmo? (Org.). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, PPGE, GEPEL, 2002. (p. 12 a 58)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012

PEREIRA, Lucia Helena Pena. **Ludicidade: algumas reflexões**. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). Ludicidade: O que é mesmo isso? Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2002. (p. 12 a 58)

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Políticas Públicas Educacionais de Espaços Não Formais de educação**. 2012. Disponível em <http://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2013/03/Olira-Rodrigues.pdf>

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil**. José Salomão Schwartzman, Francisco Baptista Assumpção Júnior. – São Paulo: Memmon, 1995.

SOARES, C. F. **Quando a gente gosta é claro que a gente cuida: a importância das relações pessoais estáveis da criança na creche**. In.: SOARES; SIEBRA; ALMEIDA (Orgs). Escola, lugar de brincadeira, cultura e diversidade. Fortaleza: Editora Impreco, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3ª edição brasileira – São Paulo/SP: Martins Fontes, 1989.

## APÊNDICES

### A. Entrevista

1. Como surgiu a ideia de criar o Clubinho?
2. Quando a ideia se concretizou?
3. Quais eram os objetivos iniciais e como foram sistematizados? E hoje, os objetivos são os mesmos?
4. Como o espaço foi organizado?
5. O que você precisou saber para atender às demandas do clubinho?
6. Como são escolhidas as pessoas que "trabalham" no Clubinho? Por que os profissionais que contribuem no Clubinho são chamadas de tios ou tias?
7. Como as pessoas ficaram sabendo do Clubinho Tudo de Bom? Como foi a divulgação e o acesso?
8. Como é a relação do Clubinho Tudo de Bom com as crianças e com as famílias?
9. Você acredita que os objetivos iniciais e os que foram surgindo, foram e estão sendo alcançados? Como/Porque?
10. Quais os ganhos identificados dentre os beneficiados pelo clubinho?

**B. Questionário**

1. Você é pai ou mãe?
2. Idade e profissão
3. Quantos filhos você tem?
4. Quando / como você soube que seu filho estava no espectro?
5. Como você conheceu o Clubinho?
6. Há quanto tempo frequenta o espaço?
7. Você lembra como foi a adaptação?
8. Levando em consideração algumas características do autismo, como você acha que o Clubinho tem contribuído?
  - Afetividade
  - Interação
  - Tolerância
  - Linguagem
  - Pensamento
  - Brincadeira
  - Movimento
  - Higiene
  - Alimentação
  - Comportamento
9. Que importância você acha que o Clubinho tem para seu filho? Para você?  
E para a sociedade de um modo geral?

Fique à vontade para acrescentar algum outro comentário.